

Memórias migrantes, exclusão e pertencimento — o caso de Goiânia

Memorias migrantes, exclusión y pertenencia, el caso de Goiânia

Migrant memories, exclusion and belonging, the case of Goiânia

Suzete Almeida de Bessa¹

¹Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Goiás, Goiânia, Brasil, suzete_bessa@ufg.br, ORCID: 0000-0002-3495-6532¹

Artículo. Recibido: 2022/11/03 | **Aprobado:** 2023/05/02

Resumo: Este artigo tem por objetivo evidenciar as dinâmicas das memórias sem lugar e suas consequências nos conflitos e potencialidades de integração na Goiânia, identificando como essas dinâmicas resultam em exclusão e pertencimento, e implicam na valorização da vivência e da voz de migrantes na cidade. Para tanto, pretende fazer reconsiderações e apresentar conclusões à pesquisa na área de arquitetura e urbanismo iniciada em 2019 pela Universidade Federal da Bahia e previamente apresentada para pesquisadores da pós-graduação sob o mesmo título, sendo construída concomitante ao desenvolvimento de projetos de extensão com migrantes e refugiados venezuelanos em Goiânia e região metropolitana, no Estado de Goiás. O trabalho à época pretendeu, através de pesquisa semiestruturada, estabelecer um diálogo sobre a complexidade do processo de elaboração de memórias no contexto das migrações, considerando o momento político contemporâneo, e tentando aplicar tais diálogos ao cenário específico local e seus perfis migratórios diversificados. Diante de uma pesquisa ainda imatura e incipiente, algumas teorias mobilizadas se mostraram imprecisas e alguns autores absolutamente necessários ao diálogo haviam sido prescindidos do debate. Hoje, três anos após o início da pesquisa, que se deu com apenas um único núcleo familiar, e após um hiato dedicado ao amadurecimento e aprofundamento da prática metodológica com a comunidade de migrantes e refugiados de Goiânia, este artigo busca revisar o que foi proposto no primeiro trabalho, a fim de reapresentá-lo juntamente com suas conclusões a partir de uma descrição metodológica criteriosa, posicionando autores e pesquisadores que foram de grande relevância em sua construção.

Palavras-chave: exclusão; espaço urbano; Goiânia; memória; migração.

Resumen: Este artículo busca resaltar las dinámicas de las memorias sin lugar y sus consecuencias en los conflictos y potencialidades en Goiânia, identificando cómo estas resultan en exclusión y pertenencia, e implican la valorización de la experiencia y la voz de migrantes en la ciudad. Con ese fin, pretende presentar conclusiones de investigaciones en arquitectura y urbanismo iniciadas en 2019 en la Universidad Federal de Bahia que fueron presentadas a investigadores de posgrado, siendo construidas concomitantemente con el desarrollo de proyectos de extensión con migrantes y refugiados venezolanos en Goiânia y su región metropolitana, en el Estado de Goiás. El trabajo en su momento pretendió, a través de una investigación semiestructurada, establecer un diálogo sobre la complejidad de la elaboración de memorias en el

¹ Arquitecta e Urbanista graduada pela Universidade Estadual de Goiás em 2009. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília em 2016. Tem experiência com projetos de arquitetura com corpo técnico da Prefeitura de Goiânia (2009-2010).

contexto de las migraciones, considerando el momento político, tratando de aplicar tales diálogos al escenario local específico y sus perfiles migratorios diversificados. Frente a una investigación incipiente, algunas teorías movilizadas resultaron imprecisas y algunos autores absolutamente necesarios para el diálogo fueron eximidos del debate. Hoy, a tres años del inicio de la investigación, el cual se dio con un solo núcleo familiar, y luego de un paréntesis dedicado a la maduración y profundización de la práctica metodológica, se amplió a otros núcleos o familias migrantes y refugiadas en Goiânia. De esta forma, se busca revisar lo que se propuso en el primer trabajo, con el fin de replantearlo y sus conclusiones a partir de cuidadosa descripción metodológica, posicionando autores e investigadores de gran relevancia en su construcción.

Palabras clave: exclusión; espacio urbano; Goiânia; memoria; migración.

Abstract: This article aims to demonstrate the dynamics of memories without a place and their consequences in the conflicts and potentialities in Goiânia, identifying how these dynamics result in exclusion and belonging, and imply valuing the experience and voice of migrants in the city. To this end, it intends to reconsider and present conclusions to research in the area of architecture and urbanism started in 2019 at Federal of Bahia and previously presented to postgraduate researchers under the same title, being developed concomitantly with the development of extension projects with Venezuelan migrants and refugees in Goiânia and metropolitan region, in the State of Goiás. The work at the time intended, through a semi-structured investigation, to establish a dialogue about the complexity of the process of elaboration of memories in the context of migrations, considering the contemporary political moment, trying to apply such dialogues to the specific local and its diversified migratory profiles. In the initial research, still incipient, some theories proved to be inaccurated as well as the absence of some authors absolutely necessary for the dialogue. Today, three years after the beginning of the research that began with a single family nucleus, and after a time dedicated to the maturation and deepening of the methodological practice with the community of migrants and refugees in Goiânia, this article seeks to review what was proposed in the first work, in order to represent it and its conclusions from a careful methodological description, positioning authors and researchers of great relevance in its composition.

Keywords: exclusion; Goiânia; memory; migration; urban space.

Introdução

Todo pesquisador busca uma metodologia que norteie seu trabalho e melhor oriente os procedimentos de pesquisa no contexto da realidade do seu objeto. Para o antropólogo Ingold (2015) por exemplo, uma pesquisa não poderia ser feita apenas de um referencial teórico, pois não poderia abarcar a realidade da inspiração intelectual, que não prescinde coisas tais quais o chão em que pisamos, os céus em constante mudança, as casas nas quais habitamos e os companheiros com os quais compartilhamos nossas vidas. Para ele, essas coisas “estão constantemente nos inspirando, nos desafiando, nos dizendo coisas” (Ingold, 2015, p. 12).

Quando pensamos nas migrações, observar além do referencial teórico é o que nos permite subverter categorizações pré-estabelecidas e métodos rígidos de pesquisa que não abarcam as complexidades desse processo social. A intrínseca relação entre o desprender-se do objeto de pesquisa em contraponto à aproximação necessária do migrante e de sua história oral, que é o relato mais próximo da realidade cotidiana dos fluxos migratórios, é sempre algo a se

ponderar; e essas relações se tornam mais complexas quando o assunto é a memória.

Diante disso, é pertinente apontar o questionamento de Marroni (2017) sobre ser ou não possível “dar voz” aos migrantes, considerando os métodos pelos quais as reflexões sobre os processos migratórios são reconstruídas. Evidencia-se nesta pesquisa a importância de ouvir a narrativa dos migrantes enquanto fonte primária para a compreensão dos fluxos migratórios, e como forma de acessar outras camadas dessas complexas relações sociais.

Foi Pollak (1989) que colocou a memória como “[...] um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si.” (Pollak, 1989, p. 4). Reconhecendo essa relação entre a memória e a reconstrução de si, este artigo pretende revisar um primeiro escopo dessa pesquisa desenvolvida de forma independente e apresentado para alunos da pós-graduação, fazendo reconsiderações e apontando conclusões a partir de uma descrição metodológica criteriosa, e posicionando autores e pesquisadores de grande relevância que foram antes suprimidos, com o objetivo de responder quais têm sido as dinâmicas das memórias sem lugar e suas consequências nos conflitos e potencialidades na cidade de Goiânia, e como essas dinâmicas resultam em exclusão e pertencimento, e implicam na valorização da vivência e da voz de migrantes na cidade.

A pesquisa realizada de 2019 a 2021 foi construída de forma semiestruturada, concomitante ao desenvolvimento de projetos de extensão com migrantes venezuelanos em Goiânia e região metropolitana (Figura 1), no Estado de Goiás², e preocupou-se em estabelecer reflexões a partir da valorização de suas narrativas, além de colaborar para o abandono de ideias pré-estabelecidas sobre tais sujeitos, que por ventura reforçassem perspectivas de manutenção de fronteiras sociais, institucionais, espaciais, entre outras.

O primeiro trabalho, mencionado anteriormente, foi construído a partir das primeiras experiências da pesquisa, ainda muito imatura e incipiente, e sem uma metodologia bem estabelecida, buscando construir um diálogo sobre a complexidade do processo de elaboração de memórias no contexto das migrações considerando o momento político contemporâneo, e tentando aplicar tais diálogos ao cenário específico de Goiânia e seus perfis migratórios diversificados. Este artigo procura apresentar os resultados finais que indicam como a falta de lugar de memória na cidade traz implicações no sentimento de

² A região metropolitana de Goiânia aqui citada refere-se às cidades de Aparecida de Goiânia, Senador Canedo e Trindade, locais de residência das pessoas entrevistadas.

pertencimento de migrantes visto a relação lugar de memória e identidade proposta por Pollak (1989).

Figura 1. Ocupação migrante na região metropolitana da cidade-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Elaborado pela autora, 2020.

Hoje, já com a pesquisa finalizada, três anos após o seu início, a partir de uma entrevista que mais se aproximava de uma conversa etnográfica, com apenas um núcleo familiar, e após um hiato dedicado ao amadurecimento e aprofundamento da prática metodológica com a comunidade migrante da cidade, este artigo se motiva por uma reavaliação, visto que as primeiras ponderações apenas tocaram superficialmente as relações entre memória e integração na cidade de Goiânia. Revisar o que foi proposto e rerepresentar as conclusões obtidas sobre as dinâmicas das memórias sem lugar e suas consequências nos conflitos e potencialidades que determinam exclusão e pertencimento na cidade de Goiânia, contribuirá com a valorização da vivência e da voz de migrantes.

Cada narrativa migrante mobilizada nas entrevistas remete à uma relevância maior dentro de um conjunto, visto que acessar a memória do outro é como puxar um fio em uma grande obra de tapeçaria, e perceber como esse fio se encaixa em vidas e memórias outras. A importância da narrativa migrante é posta por Rojas Silva (2019), quando aponta os três pontos de relevância na abordagem dos fenômenos das memórias coletivas e das migrações. O primeiro deles, as narrativas em que as perspectivas se cruzam com imaginários e

memórias, e que são fundamentais no ato de contestar teorias e categorizações reducionistas a respeito dos processos migratórios e de seus protagonistas.

Em seguida, a visibilidade atribuída aos conflitos por essas narrativas. E por fim, as narrativas e suas contribuições nas sociedades receptoras, sendo capazes de questionar imaginários, práticas e políticas de exclusão e expulsão no espaço³. A metodologia da pesquisa se fundamenta nesses pontos de relevância e será explicitada mais adiante. Essas ponderações, em certo modo também dialogam com o posto por Ingold, quando sugere “a ideia da vida vivida ao longo de trilhas, ou caminhadas; a primazia do movimento; as perspectivas divergentes da terra como solo de habitação e como planeta distante; desenhar, escrever; e contar histórias” (Rojas, 2019, p. 12). De fato, as histórias contadas a partir de uma vida vivida em um processo de deslocamento remetem a perspectivas que divergem em muito das demais.

Para Ingold (2015), se mover, conhecer e descrever são sempre operações conjuntas, nunca deslocadas, paralelas da vida. E quem melhor para descrever o processo de migração que seu próprio sujeito? O local da pesquisa, Goiânia e região metropolitana, já é conhecido por possuir um histórico na recepção de migrantes. A comunidade haitiana, por exemplo, é uma das mais consolidadas, e segundo dados do Panorama da Migração em Goiás, feito pelo Instituto Mauro Borges, foi até 2014, o país das Américas com maior quantidade de pessoas residindo no território.

Figura 2. Localização do Estado de Goiás em relação aos limites do território brasileiro e à América Latina-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Instituto Mauro Borges, 2021.

³ Em 2019, o Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais realizou o curso Memórias Migrantes, sob a coordenação da professora Belen Rojas Silva. O curso foi responsável por grande contribuição tanto no referencial teórico, como na elaboração da metodologia desta pesquisa.

Logo em seguida está a comunidade de venezuelanos, que desde 2015 aumentou vertiginosamente devido ao agravamento dos conflitos enfrentados na Venezuela, e ao início do programa de interiorização do Governo Federal em 2018, a Operação Acolhida. Maioritariamente apoiada pela sociedade civil, até setembro de 2022 o Estado havia recepcionado 2094 pessoas⁴ pela operação. Mas, como as memórias dessas pessoas são acessadas e reconhecidas na cidade? E como isso interfere no acolhimento? São as perguntas que essa pesquisa buscou responder.

A pesquisa: descrição metodológica

A pesquisa que fundamenta as análises deste artigo baseou-se em um projeto chamado “Ao Redor da Mesa”, cujo objetivo era mobilizar, a priori, de forma presencial, migrantes venezuelanos para promover uma escuta ativa, familiar e individual, sobre suas memórias e as dificuldades no acolhimento na cidade de Goiânia. O início da pesquisa, em 2019, contou com o apoio de uma ONG local e foi marcado pela presença de apenas uma família de venezuelanos. O critério de escolha da família foi o consentimento da participação de todos os membros. A família era composta por 7 pessoas, sendo 3 homens e 4 mulheres, com idades entre 15 e 58 anos, com ocupações diversas como profissionais da construção civil, professora, estudante e donas de casa. Até esse momento, as entrevistas aconteciam de forma livre, seguindo um roteiro estabelecido pelos entrevistados, conforme eles propunham rememorar.

Entretanto, com a ampliação do projeto, um questionário de pesquisa semiestruturado foi definido, e as perguntas passaram a seguir três eixos: as motivações para migrar, as memórias do trajeto e da estadia nos lugares de fronteira, e o reassentamento em Goiânia, mas eram expandidas de acordo com o que era posto pelas narrativas dos próprios entrevistados. Os encontros buscavam problematizar essas narrativas a partir dos estudos da memória e das migrações e suas implicações sociais, culturais e políticas (Meneses, 1992).

No contexto de integração, repertórios simbólicos e subjetivação dos indivíduos que está sempre presente nas discussões das migrações internacionais, Goiânia e região metropolitana se inserem como parte de um país que se auto-representa como acolhedor, mas que não inclui as populações migrantes na construção das cidades e cidadanias. Isso se evidencia, por exemplo, mediante a ausência de políticas públicas. Em levantamento específico, não há menção de nenhuma normativa que garanta direitos de participação de migrantes ou

⁴ <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

refugiados nos espaços sociais ou políticos de decisão da cidade. Diante disso, a primeira análise feita nos relatos coletados nas quarenta e três entrevistas realizadas durante todo o projeto foi a presença de uma percepção de exclusão por parte dos migrantes, seja pela falta ou dificuldade de acesso a direitos, nas relações de poder da ocupação urbana, e/ou até nas tensões causadas pela tentativa de se comunicar usando o espanhol e a dificuldade de entender o português, entre outros indicadores.

Outra forma de observar as narrativas dos vários perfis migratórios entrevistados, visto que os núcleos familiares, escolhidos de forma voluntária, possuíam sujeitos de gêneros, idades, profissões e outras características diversas, foi a dicotomia exclusão versus pertencimento reforçada nos relatos das diversas situações do cotidiano. A forma como acessavam memórias construídas a partir de situações cotidianas, perceber a dualidade esquecimento versus lembrança, foi fundamental nessa reconstrução de identidades e integração.

Por fim, para avaliar o pertencimento, uma terceira forma de analisar os relatos foi a menção à integração na dinâmica de redes locais, que normalmente também são responsáveis por oportunizar o acesso a direitos, como as comunidades de vizinhança, as escolas, unidades de saúde, e demais espaços sociais, em que conhecem e são reconhecidos na produção de suas vidas. Os encontros “ao redor da mesa” iniciaram a partir do trabalho final do curso Memórias migrantes, oferecido pela CLACSO em 2019, que incentivava um trabalho final a partir da entrevista de uma família que tivesse passado pela experiência da migração.

Após a entrevista desse núcleo familiar, e com o contato frequente com a comunidade de migrantes as entrevistas continuaram⁵. As perguntas de pesquisa supracitadas eram introduzidas na tentativa de iniciar o diálogo sobre as relações sociais de migrantes na cidade, buscando acessar as memórias de cada entrevistado, ou grupo de entrevistados. No ano de 2020, em decorrência da pandemia do COVID-19, a pesquisa saiu do modelo presencial para o remoto⁶, ainda buscando acessar memórias que revelassem histórias cotidianas que evidenciassem o sentimento de pertencimento por parte de quem migra, mesmo em um meio tão impessoal como o é uma sala de videoconferência.

⁵ A metodologia dos encontros foi aperfeiçoada durante a pesquisa conforme mencionado, e passaram a sofrer alteração de tema de investigação a cada semestre após 2021, sendo esse artigo referente apenas aos encontros relativos à memória, que aconteceram até o primeiro semestre de 2021. Nesse período foram realizadas quarenta e três entrevistas. Após esse período, a pesquisa destinou-se a falar sobre linguística em um projeto específico para o CBEAL.

⁶ Os encontros presenciais que ocorreram na Universidade e na casa dos migrantes cumpriram protocolos de segurança impostos pela Secretaria de Saúde local.

Interessante pontuar que, os encontros realizados na residência dos migrantes, na esfera doméstica, lugar da hospitalidade, permitiam acessar com mais naturalidade conceitos como hóspede e anfitrião e, inclusão e exclusão, a ponto de abrir a comunicação o suficiente para questionamentos de direitos nas cidades de acolhimento, o direito de pertencer à cidade. Os encontros aconteciam em casas previamente escolhidas e iniciavam enquanto os migrantes anfitriões ensinavam aos convidados receitas de seus países de origem (Figura 2), lançando mão de memórias, de forma livre (Figura 3), falando de sua vida no país de origem, sua história de deslocamento e sua nova vida na cidade de chegada.

Figura 3. Culinária venezuelana compartilhada “Ao Redor da Mesa”



Nota: Elaborado pela autora, 2021.

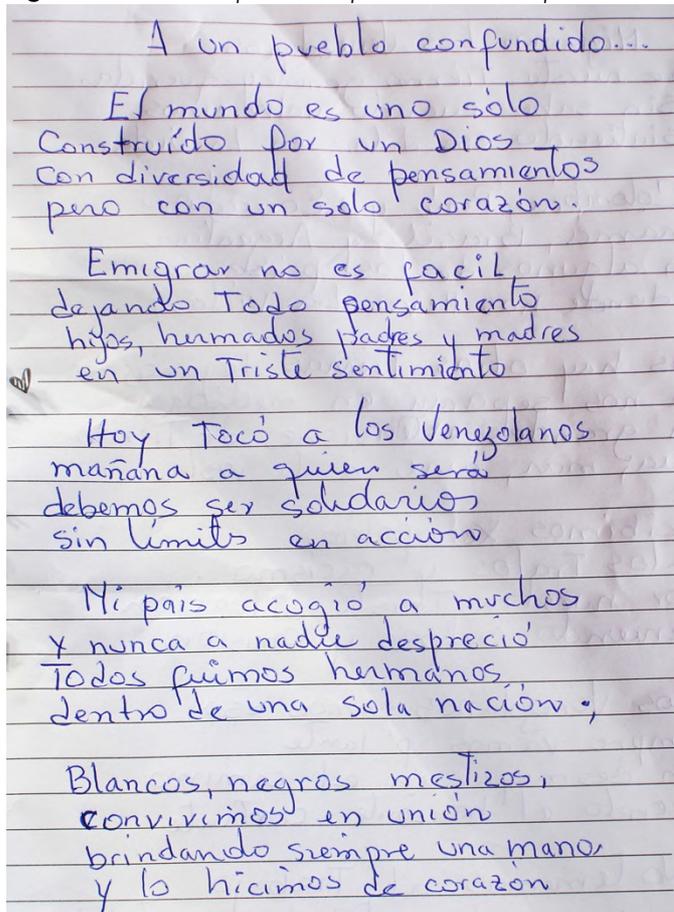
Na outra ponta, os convidados; outros migrantes e pessoas envolvidas com o acolhimento na cidade de Goiânia; também cozinhavam e interagiam, questionavam e aprendiam de cada história, transformando cada experiência em fonte de contribuição para possíveis reverberações dentro da cidade, entendendo que essas lembranças estão, conforme pontua Rojas Silva (2019), “colocando a sociedade frente a lugares transnacionais de memória e por vidas atravessadas por complexos regimes de mobilidade”, que são primordiais para estabelecer uma comunicação eficaz.

A degustação dos pratos produzidos, segundo momento do encontro, já era permeada por um entrosamento maior construído no grupo e preparava para o terceiro e último momento, uma pesquisa final mais direcionada aplicada aos migrantes presentes, com base no formulário de entrevista semiestruturada. Nos

dois primeiros momentos do encontro, em que os assuntos surgiam de forma mais livre, as participações se deram tanto individual quanto coletivamente, e tinham um único objetivo, propor um diálogo baseado nas memórias coletivas (dos locais de origem e das migrações) para então problematizar exclusão e pertencimento na cidade de acolhimento, tendo em vista as particularidades do processo migratório no território brasileiro, e especificamente em Goiânia. No último momento, a aplicação do questionário foi feita individualmente.

A pesquisa procurou valorizar a voz de quem migra (Figura 4), permitindo que migrantes fossem protagonistas de sua história, inserindo a temática na sociedade, sendo as narrativas argumentos capazes de questionar, com relatos, perspectivas, imaginários e memórias, pré-conceitos a respeito dos processos migratórios e seus sujeitos. As entrevistas acessaram memórias representadas nas experiências de deslocamento, permitiram trocas e compartilhamentos através de uma história oral que não só valorizou como estimulou os diálogos, e também garantiu a presença das vozes de múltiplos perfis, em um ponto de vista baseado no coletivo.

Figura 4. Poesia compartilhada pela matriarca da primeira família-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Elaborado pela autora, 2019.

Além disso, Goiânia e região metropolitana se mostram profícuas para o estudo das memórias no processo de migração e seu impacto nos imaginários de

exclusão e pertencimento, dada a falta de infraestrutura para a inclusão de migrantes, mesmo estando a cidade inserida no programa de reassentamento. Para qualificar minimamente essas condições pode-se mencionar a falta de abrigo público para migrantes, o que tem ocasionado uma grande quantidade dessas populações em situação de rua, os serviços públicos são dificultados pela falta de profissionais que vençam as barreiras linguísticas, além disso, por vezes direitos garantidos por normas nacionais e internacionais são negados por desconhecimento dos agentes públicos locais.

Por fim, é preciso mencionar o escopo do seminário Memórias Migrantes, coordenado pela professora Belen Rojas Silva, que propôs diálogos sobre memórias coletivas e as migrações e contribuiu neste trabalho tanto com o suporte para a metodologia quanto para o referencial teórico. A metodologia desta pesquisa buscou se estruturar nos três pontos de relevância pontuados por Rojas Silva (2019) e citados anteriormente: narrativas que se cruzassem com memórias capazes de contextualizar discursos e teorias vigentes superficiais, dar visibilidade ao sujeito migrante e inserir essas narrativas na sociedade receptora.

A complexidade do “fazer memória” e “representar memória” no contexto das migrações e do acolhimento em Goiânia

Centralizar as memórias dos migrantes protagonizadas por suas narrativas para falar de suas trajetórias e pensar exclusão e pertencimento é considerar os impactos da falta do lugar da memória na recepção das migrações contemporâneas. A localização de Goiânia no centro-oeste brasileiro, o fato de não compartilhar das nuances de uma cidade de fronteira com grande fluxo migratório, e a pequena quantidade de migrantes venezuelanos em comparação à população total da cidade (duas mil quatrocentos e dezenove pessoas segundo dados da Operação Acolhida em 2023), mesmo que esse número já seja considerável quando avaliado sob o viés da capacidade da administração pública, faz com o tema seja encarado de forma superficial.

A memória coletiva enquanto ferramenta contribui nesse contexto à medida que destaca as interações individuais e coletivas, permitindo que as experiências cotidianas de migrantes deem início a um processo de mudança no contexto mais amplo das cidades, visibilizando esse sujeito através da apropriação de sua voz e história. Moscovici (2001, p. 56) pontua a questão quando coloca que “... as imagens, ideias e a linguagem compartilhadas por um determinado grupo sempre parecem ditar a direção e o expediente iniciais, com os quais o grupo

tenta se acertar com o não-familiar” visto que “o pensamento social deve mais à convenção e à memória do que à razão”.

Portanto, o compartilhamento de memórias torna palatável o estranho, aquele que vem cercado de medo e desconhecimento visto que é esse o lugar ocupado pelas migrações internacionais. O não familiar, como coloca Moscovici, atrai e intriga a sociedade na mesma medida que impele a explicitar os motivos geradores do medo (2001). As narrativas dos migrantes são parte importante desse exercício de compreensão, haja vista que, segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, “a memória seria responsável pela retenção de informação, conhecimento, experiências individuais e sociais, sendo um eixo de articulações e categorizações para uma realidade multiforme, dando-lhe lógica e inteligibilidade” (1984, p. 33).

Assim sendo, a memória do processo social do deslocamento é percebida não apenas como lembrança, mas como registro de fatos que ativa um conhecimento e um reconhecimento do próprio processo. Uma forma de ler a realidade capaz de combater “desigualdades na produção de práticas discursivas que interferem na integração, criando repertórios simbólicos e subjetivação na sociedade, provocando incertezas e indefinições, em situações já extremamente complexas.” (Rojas Silva, 2019).

Acessar as memórias migrantes é ressignificar, visto que nesse processo de rememoração nem todas as lembranças são bem-vindas. Rojas Silva (2019) coloca a “noção de memória baseada no coletivo, dependente de uma capacidade de ressignificar o passado, e sempre relacionada ao contexto e lugar que cada indivíduo ocupa nesse passado”. O resultado dessa ressignificação da memória pode ou não contribuir com um estado de disputa e dominação pois, conforme pontua a autora, as memórias são também ferramentas políticas capazes de modificar discursos extremamente enraizados.

Essas ferramentas políticas contribuem, por exemplo, na elucidação de que a ligação do migrante ao país de origem e ao país ou cidade de acolhimento não se dá de forma padronizada, exclusiva ou excludente. A expectativa idealizada do desejo de retorno ao país de origem, ou a evidente identificação com o local de chegada é irreal. Não é possível simplificar comportamentos como regras aplicadas a um deslocamento como se lhe fosse unicamente territorial. É necessária uma participação ativa de cada indivíduo, a fim de ressignificar a partir das vivências de suas trajetórias para a efetivação do pertencimento.

Posto isto, analisar as quarenta e três entrevistas realizadas na cidade de Goiânia observando relatos de exclusão por parte dos migrantes, através da falta ou dificuldade de acesso a direitos nas relações de poder da ocupação urbana, de

tensões causadas pelo uso da linguagem, entre outros indicadores torna-se relevante à medida que contesta o discurso pré-estabelecido de cidade acolhedora. A representação das memórias contribui também com outras formas de observar as narrativas. Conforme sublinha Halbwachs:

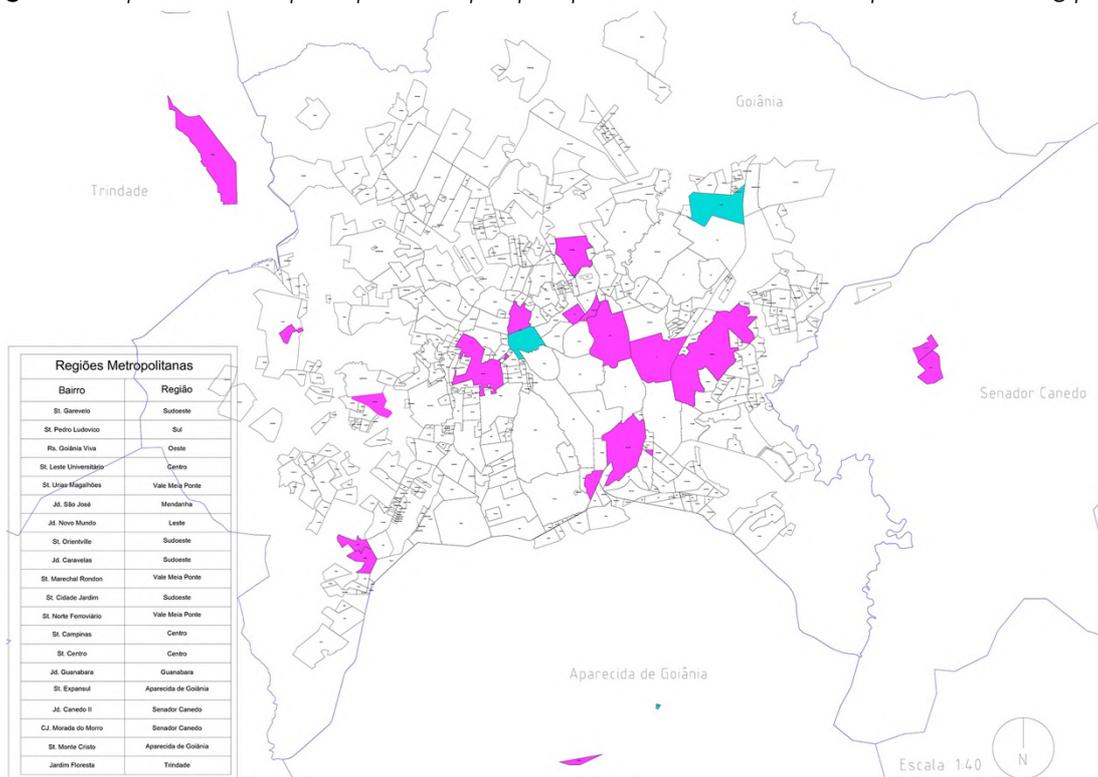
“Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum”. (Halbwachs, 2013, p. 34)

Analisar os relatos através da dicotomia exclusão versus pertencimento propõe a retomada de Bourdieu e Loic Wacquant (1992 in Durand, J; Massey D.S., p. 31), quando afirmam que “o capital social é a soma de recursos reais ou virtuais que correspondem a um indivíduo ou grupo em virtude de seu pertencimento a uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuo”. Daí entender a inserção na dinâmica de redes locais como um grande indicador de inclusão, pois elas, de forma efetiva, oportunizam e garantem o acesso a direitos.

Os resultados da pesquisa a partir das narrativas, aplicada em Goiânia e região metropolitana revelam uma relação das trajetórias migrantes com processos sociais mais amplos. Apontam fatores de desigualdade mais profundos que requerem uma reflexão crítica sobre os processos de expulsão e segregação desde o país de origem e o percurso migratório, e que perduram no local de acolhimento. Os processos de expulsão ou mesmo de autosegregação não desaparecem com a chegada ao “local seguro”, pelo contrário, se tornam a estrutura pela qual a cidade se organiza. A incorporação de formas de xenofobia e racismo como parte invisível do processo de acolhimento, mas com propósitos bem definidos, impedem a total integração.

Esse processo invisível, mas altamente evidenciado nas narrativas, limita a população migrante em sua atuação enquanto cidadãos nas cidades de acolhimento. A eles é permitido, veladamente, ser um meio de funcionamento para a cidade como mão de obra barata ou alguém pouco útil para a economia. Nos dois casos, seu lugar é marginal, social e territorialmente. É possível observar por exemplo que, em Goiânia, as dinâmicas da cidade não compartilham o espaço, seja territorial, social ou político, de forma igual entre nativos e migrantes, ainda que a presença das comunidades migrantes em alguns bairros seja muito acentuada, como é o caso dos haitianos no Jardim Guanabara, ou no Setor Expansul em Aparecida de Goiânia; eles são expulsos de diferentes formas no cotidiano.

Figura 5. Mapeamento dos participantes da pesquisa por bairro-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Elaborado pela autora, 2021.

Esses bairros, embora marcados por uma forte presença de migrantes, em comunidades territorialmente integradas, como um grupo grande e bem definido, muito em função da língua materna (o crioulo haitiano) e pela falta de proficiência em português, pois a proximidade deveria facilitar e fortalecer as relações de pertencimento, suas identidades nessas novas comunidades e a reconstrução de seu lugar na cidade. Entretanto, segue-se promovendo um deslocamento cultural em função de diferentes formas de mobilidade física, de diversas práticas de migração, exílios e diásporas que leva a diversas assimetrias nos territórios, ocasionadas pelas relações de poder hegemônicas.

Entendendo que para o território, espaço físico e simbólico, as relações entre os migrantes e suas culturas intervêm como força capaz de dar visibilidade, às disputas de poder tendem a manter esses sujeitos cada vez mais afastados dos centros (urbanos, de decisão, políticos, entre outros), deslocando-os para as periferias. De semelhante modo, as interações que constroem as dinâmicas da cidade, como acessos à saúde, educação e espaços públicos, e que implementam políticas públicas, e promovem justiça e equidade social, por vezes não valorizam ou demoram a reconhecer a voz e vivência dessas populações.

Desde o trabalho inicial desta pesquisa, apresentado na pós-graduação, já estava pontuada a forma como as mobilidades afetam cada indivíduo de

maneira única, não restrita à experiência do deslocamento territorial, mas deslocamentos outros, como sociais, econômicos, culturais, entre outros. Sobre isso Creet aponta:

“O que significaria considerar a faceta da migração da memória, em vez da distância de seu ponto de origem perdido para sempre, como nosso objeto de estudo? E o que podemos aprender traçando sua fixidez ansiosa no fluxo constante?... Investigamos o movimento como condição da memória, e nosso desejo de sua fixidez, ou pelo menos a fixidez de suas origens geográficas e temporais. Este paradoxo fundamental entre localização e migração governa a maior parte de nosso pensamento sobre a memória”. (Creet, 2011, p. 9)

Esse movimento como condição de fazer memórias e representar memórias é aqui considerado especificamente a partir das narrativas dos migrantes que se moveram da Venezuela para a cidade de Goiânia, no Centro-oeste Brasileiro, como forma de questionar o que conceituou Jessé Souza, como “sociologia espontânea do senso comum”, isto é, as ideias institucionalizadas que afetam as práticas sociais e “legitimam e reproduzem um cotidiano [...] de desigualdade e humilhação” (Souza, 2015, p. 40). De maneira prática, as narrativas trazem à tona situações que evidenciam lugares sociais e espaciais da cidade, onde a cidadania tem sido negada, afetando sua efetiva integração.

As narrativas constroem um espaço de disputa pelas memórias em Goiânia, visto que cada memória quando representada tem a prerrogativa de tirar o migrante da invisibilidade. Afinal, fazer memória é se fazer presente no território, reivindicar direitos, e manifestar a presença enquanto cidadão. Direitos muitas vezes silenciados e negligenciados, como moradia e serviços públicos, elementos próprios da centralidade, dos locais privilegiados pela infraestrutura (urbana e política). Assim, resistir por meio da representação das memórias migrantes é um importante entrave para a exclusão.

Há que se cuidar com o fazer memória submetido a relações utilitaristas. Suas narrativas e conseqüente visibilidade são, a todo momento, apropriados para fins de discursos populistas, entretanto seus direitos não são garantidos na mesma medida por políticas públicas reais. Fazer e representar as memórias migrantes como forma de resistência atinge a base da questão política, de modo que precisa se tornar uma prioridade como forma de apropriação de um lugar de valor simbólico para a história de migrantes.

A partir das análises propostas, os vínculos com os espaços sociais, a atuação política dos migrantes, e as práticas de integração ou inclusão, em Goiânia e região metropolitana, puderam ser verificados quando ouvimos as narrativas

sobre suas trajetórias de deslocamento, e como eles entendiam esse processo. Várias narrativas indicaram que direitos já haviam sido negados aos indivíduos pelo fato de serem migrantes, revelando um mal-estar com a política migratória, tanto por parte dos que usufruem dela, quanto da população local que a desconhece.

Pasamos ilegalmente con la ayuda del ‘trochas’, ese mismo día íbamos a tomar un avión para otro estado brasileño. Entonces, mi amigo dijo: - tienes que dejar la maleta, tienes que dejar todo para poder pasar el camino ilegal. Déjalo todo, hay mucha ropa aquí. Así que dejamos toda la ropa con un chico. Solo tomamos la ropa que teníamos en nuestro cuerpo y una en la bolsa. Y cuando cruzamos la frontera, y llegamos al otro lado, nos dijeron que podíamos comprar el pasaje solo con la cédula venezolana. Pero cuando llegamos al aeropuerto, preguntaron por el protocolo de entrada. Entonces dije: - ¿Qué?, no nos dijeron eso. Así que no nos dejaron embarcar y nos dijeron que hablásemos con los federales. No iba a hablar con los federales, nos iban a arrestar, así que hablé con una chica de la ONU. | Mulher, técnica agropecuária, atualmente trabalhando como costureira⁷. (Depoimento 1, comunicação pessoal, 09 de dezembro de 2019)

As evidências de uma percepção de exclusão por parte dos migrantes, através de violações de direitos laborais, explorações ou submissão a condições associadas à escravidão, indicaram prejuízos claramente relacionados à uma política extremamente xenofóbica. As narrativas também indicam que as relações com os membros da sociedade receptora não são sempre amistosas como é posto pelo atual discurso de país acolhedor amplamente aceito devido às práticas governamentais no campo da mobilidade que criaram a vitrine para a atuação humanitária (Vieira, 2017).

Yo estaba trabajando como cocinera en una casa en el condominio fulano de tal. Realmente lo estaba disfrutando, la señora también estaba disfrutando mi comida, hice diferentes comidas. Estaba muy lejos de mi casa, tenía que salir a las cinco de la mañana para llegar a tiempo. Pero me gustaba. Pero la señora empezó a ordenarme que lavara la ropa y limpiara la casa. Así que le dije que eso estaba malo, porque me había contratado para ser solo una cocinera. Chica, yo empecé a salir de su casa pasadas las seis de la tarde, y ella no me pagó nada más. Eso estuvo malo. Así que pedí salir. Ahora estoy desempleada. | Mulher, mestre em educação, atualmente desempregada. (Depoimento 2, comunicação pessoal, 16 de março de 2020)

⁷ Toda e qualquer informação que possa identificar os entrevistados ou pessoas citadas por eles durante as entrevistas foram alteradas, sem prejuízo do conteúdo.

Llamé a un uber para ir al Sector Universitario, ya era de noche. Puse la dirección correcta, pero me dejó en un lugar totalmente diferente. Cuando llegó allí le dije, chico, no es aquí, este lugar está mal. Me insultó, me maldijo con cosas malas. Mientras me lleva al lugar correcto. Así que le pagué, pero él puso en app que yo no había pago. | Mulher, cuidadora de idosos. (Depoimento 3, comunicação pessoal, 24 de junho de 2020)

A dicotomia exclusão versus pertencimento é reforçada pelos relatos de situações cotidianas de restrições do acesso à direitos, revelando que por vezes os migrantes deixaram de recorrer à justiça pelo medo da xenofobia, o que na verdade revela uma desconfiança prévia na capacidade de isenção das instituições de justiça na cidade. A restrição de direitos no lugar de acolhida rememora para muitos desses sujeitos as situações de graves violações de direitos humanos que sofreram em seus locais de origem. Direitos que permanecem sendo violados no local do acolhimento.

Retomando Rojas Silva (2019), “à medida que esses relatos se apresentam, eles se tornam argumentos para reconsideração de discursos reducionistas e políticas discriminatórias a respeito dos processos migratórios, seus sujeitos e seu papel, que cada vez é de menos participação ativa sendo relegado à clandestinidade”. Portanto, o esforço maior empreendido nesta pesquisa se dá em reconhecer a relevância e a representatividade das memórias migrantes, que se revelaram grande instrumento nesse processo de reconsideração, colocando a sociedade partícipe do lugar do migrante na cidade.

Sabe-se que a memória no processo de interação entre indivíduo e coletivo é um caminho para compreensão das relações intrínsecas a eles. Para Halbwachs (2013), toda lembrança, mesmo as mais particulares, é permeada por forças externas ao indivíduo. O autor coloca:

“Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade, nunca estamos sós”. (Halbwachs, 2013, p. 26)

Para Halbwachs (2013), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Cada memória acessada vai construindo um pedaço da memória coletiva de determinado grupo. Considerando isso, as memórias compartilhadas nos encontros (Figura 6), sobre o deslocamento dos migrantes em território brasileiro revelam um interessante panorama de diversas impossibilidades de um percurso coletivo: a impossibilidade de retorno à Venezuela, impossibilidades de deslocamento e rejeição sofrida por parte da

população brasileira residente da fronteira, impossibilidades a partir de perspectivas culturais, entre outras.

As construções da memória coletiva desse grupo reiteram a decomposição em múltiplos fatores de desigualdade social aquele que é 'estrangeiro'. Essas impossibilidades reforçam as (in)mobilidades já pontuadas nas primeiras ponderações da pesquisa, apresentada como desdobramento em um evento para a pós-graduação, visto que os interesses de igualdade, independente da nacionalidade, tem uma relação de co-constituição entre si e dão lugar à potenciais de mobilidade. Algo relevante a ser considerado diante de tais relatos é pensar o tipo de vida alcançado por migrantes nas cidades brasileiras que praticam o acolhimento, aqui mais especificamente Goiânia. Por vezes, os mesmos motivos estruturais de desigualdade evidenciadas como motivo para se deslocar perduram também no local de integração, mas de forma velada.

Figura 6. Encontro "Ao Redor da Mesa"-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Elaborado pela autora, 2019.

O pleno exercício dos direitos dos migrantes em Goiânia ainda não saiu do campo do discurso, indicando a necessidade de políticas públicas baseadas em diagnósticos não limitados por números de entrada e saída, ou no controle do território da cidade, pois esse tipo de abordagem só leva ao entendimento do migrante como um problema. Este artigo busca esse lugar de diagnóstico e argumentação mais profundos sobre o papel da memória na construção dessas políticas, valorizando e preservando experiências e oportunizando a presença de múltiplas vozes no debate.

Articular memória e migração é também criar uma contra-memória⁸ em Goiânia, sabendo que memórias e discursos têm privilégios em relação uns aos outros. Le Goff (1994), em *História e Memória*, pontua o desafio de refletir sobre essa relação de história e memória. A apropriação de sujeitos invisibilizados por sua própria voz de forma autônoma repercute principalmente, em nível político, na busca pelo pertencimento no espaço social e territorial da cidade, um espaço que ainda os marginaliza. Essa marginalização e expulsão do migrante por parte das dinâmicas da cidade e da população, e a manutenção de uma separação étnico-racial, insere de modo desigual no urbano e não deixa espaço para a construção de identidades. Ela acontece de forma institucional à medida que possui abrangência de exclusão social, cultural, política, econômica, territorial, entre tantas outras. A reverberação no espaço da cidade é percebida na figura 5, em uma ocupação territorial periférica, que avança cada vez mais para as cidades do entorno. O processo de marginalização intensifica as desigualdades sociais para indivíduos que não escolhem tal posição e, na maioria das vezes, sofrem com hostilidades e preconceitos.

As memórias sem lugar: exclusão e pertencimento na vivência e voz das pessoas migrantes em Goiânia

As memórias e suas interpretações aqui estudadas identificam e questionam políticas de exclusão e expulsão promovidas erroneamente pela sociedade em Goiânia, contribuindo com variadas tensões. Segundo Dijk (2019 apud Dias, 2019, pg. 61), as cidades de acolhimento ao promover uma reflexão acrítica ou mesmo nenhuma reflexão sobre a imigração “está aceptando que la inmigración es indeseable y peligrosa, porque una ola es capaz de ahogarte. Y esa idea de ola ya condiciona todo lo que dirás sobre la inmigración”. Entretanto, a mobilidade migratória está cercada de habilidades, saberes e possibilidades de diálogos diferenciais para a inclusão.

Essa contribuição já se efetivou em diversos períodos da história brasileira ajudando a moldar o desenvolvimento do país, através da inserção de técnicas de cultivo, como foi o caso dos italianos entre 1870 e 1920 no cultivo do café e da uva; do próprio processo de urbanização, da prestação de serviço especializado, ciência e tecnologia, entre outros. Entretanto, o movimento migratório é marcado por categorizações que interferem tanto na compreensão do deslocamento em si, quanto no direito de quem migra. Essas classificações

⁸ Faz referência a Michel Foucault e Gilles Deleuze, que usam o termo em seus trabalhos pra falar sobre o exercício de escrever a história.

utilizadas nos atuais instrumentos de regularização não abarcam a complexidade dos movimentos migratórios, e impedem a articulação de memória e migração.

Citando o caso específico dos venezuelanos no Brasil, tal categorização culminou na impossibilidade de solicitar o status de refúgio antes de junho de 2019, quando se deu o reconhecimento da grave e generalizada violação dos direitos humanos da Venezuela⁹ por parte do governo, e a liberação do acesso à direitos até então incompatíveis com a categoria migrantes voluntários na qual se encaixavam. Em Goiânia, as tentativas de compreensão do movimento migratório e suas classificações têm lugar em iniciativas pontuais. Entre elas, Comitês de discussão de migração, a inscrição da cidade no MigraCidades¹⁰, além de programas da Secretaria Municipal de Saúde. Os relatos nos levaram a caminhar para uma reflexão mais ampla das potencialidades das memórias migrantes para construir além do pontual.

Após a finalização das entrevistas¹¹, e transcrição de todos os relatos, a pesquisa potencializou a identificação de especificidades da migração venezuelana para Goiânia e Região Metropolitana. Nas especificidades identificadas estão as diferenciações entre categorias de migrantes consideradas bem-vindas e rechaçadas. De certo modo, é possível relacionar essa categorização com as categorias de migração voluntária e forçada, fundamentada em uma visão funcionalista e capacitista do migrante, percebidas também em hierarquizações da proteção internacional.

As memórias acerca das migrações acessadas através dos relatos, em contraponto, manifestam uma firme oposição a essas categorizações permitindo a visibilidade de outros tantos e diversos perfis migratórios na cidade. A diversidade dos perfis em contraponto à padronização da figura do migrante, as mais variadas motivações para migrar em contraponto a visão de uma migração sempre econômica, e as trajetórias mais diversas lançam por terra argumentos de defesa de uma categoria estável de migração (ver Tabla 1).

Tabla 1. *Categorias Distinção nos estudos a mobilidade*

Migração voluntária / migração forçada	Migrantes econômicos / Refugiados / Fluxo misto	Migração regular / migração irregular
- Capacidade de ação (refugiados) - Obrigação e pressão (migrantes)	- diferentes situações, mesmas rotas e meios - Proteção, controle	- nunca legal - produção da irregularidade

Nota: Fonte: Ortega, E., 2017.

⁹ De acordo com a Lei nº 9.474, de 1997, que instituiu a natureza jurídica do refugiado.

¹¹ Foram ouvidos ao todo relatos de 43 pessoas durante os encontros do projeto “Ao redor da mesa” entre o segundo semestre de 2019 e primeiro semestre de 2021.

Durand e Massey (2003) promoveram uma compreensão um pouco mais integral da migração internacional no sec. XXI. Para os autores, essa compreensão supõe uma verificação das teorias a partir de quatro elementos: as forças estruturais de atração, as forças estruturais de expulsão, as motivações dos migrantes, e as estruturas e relações históricas que conectam os lugares de origem e destino das migrações. Entretanto, reiterando o identificado na pesquisa, a quantidade de perfis migratórios torna cada vez mais difícil categorizar, e as teorias contemporâneas das migrações reconhecem uma necessidade de maior abrangência na diversidade de perfis, motivações e formas de migrar.

Brettell e Hollifield colocam as migrações mediadas por redes, e bastante distintas das teorias que afirmam que elas se dão por escolha racional ou por tomada de decisão (2000). Essa afirmação sugere um movimento migratório formado por processos complexos alimentados por múltiplas causas e motivações. Mais uma vez o lugar da memória está também em evidenciar essa multiplicidade, e evitar que o migrante seja reduzido à hierarquizações e categorias. Para Pierre Nora, o conceito de lugar de memória é compreendido debaixo das características físicas, da memória materializada, características funcionais, e características simbólicas.

Isso significa que as migrações precisam de espaços de reconhecimento onde seus sujeitos possam dialogar, narrar suas experiências, e fazer memória, visto que isso define o migrante e o coletivo. Esse lugar não é apenas um lugar de fazer memória, mas o lugar mencionado por Ricoeur (2007) de dever de memória, que [...] consiste essencialmente no dever de não esquecer. (Ricoeur, 2007, p. 48). Em Goiânia esse lugar de pertencimento ainda não se concretizou fisicamente, socialmente ou simbolicamente. As respostas evidenciam que 88,4% dos entrevistados tinham uma percepção de exclusão através da falta ou dificuldade de acesso a algum direito (38 pessoas). Com relação à exclusão nos espaços de interação com a cidade (espaços públicos e sociais) 79,1% dos entrevistados (34 pessoas) relataram situações em que foram de alguma forma excluídas. Sobre a participação em redes de acolhimento, 69,8% (30 pessoas) dos entrevistados informaram fazer parte de alguma rede local.

Goiânia não possui espaços em que a memória é exercitada ou experienciada em sua construção. Não se reconhece a mobilidade migratória a partir de suas habilidades e saberes. Os governos locais não possuem espaços de escuta ativa visando a inclusão. Em termos de serviços públicos como saúde, educação e comitês de atenção à pessoa migrante, entre outros, ainda se discute mais sobre o sujeito migrante do que com ele. Definido por potenciais e por limitações, o lugar da memória é indispensável para a inserção dos migrantes nas cidades de acolhimento.

Infelizmente, essa inserção segue repercutindo um modelo de segregação sócio-espacial, e de distribuição racializada da mobilidade, causado tanto pelas ações governamentais quanto pelos cidadãos locais. Sassen (2016), corrobora com essa ideia de um modelo de segregação intencional, quando coloca que as imigrações não são obra do acaso, mas são criadas, e a principal causa delas é o nosso modelo econômico e de planejamento urbano atuais. A cidade que se coloca como lugar de materialidade da memória, tem a memória intrinsecamente ligada ao urbano. Entretanto, a trajetória atual da maioria das cidades, inclusive Goiânia, prioriza a concentração de capital, e marginaliza os que não o possuem. A cidade precisa reconhecer a quantidade significativa de perfis migratórios integrando-os.

Figura 7. Encontro “Ao Redor da Mesa – Edição Universidade (migrantes, professores, alunos, governo e sociedade civil).-SaoPaulo_Municip_Sertaozinho.svg.png



Nota: Elaborado pela autora, 2020.

Migrantes seguem sendo integrados sempre nos bairros periféricos, ou quando geograficamente centralizados, são áreas marginalizadas ligadas à pobreza e ao comércio informal. As consequências dessas categorizações na cidade são da ordem da estigmatização e da discriminação, e geram divisão no interior da sociedade porque criam e articulam as pessoas em grupos sem considerar que as consequências dessas classificações na vida dos migrantes impedem outras formas de fazer cidade.

Para concluir, as entrevistas feitas durante o desenvolvimento da pesquisa se diferenciaram em método das conversas etnográficas aplicadas com a primeira

família, ao se afastar das conversas cordiais, em que os elementos da pesquisa iam sendo introduzidos lentamente e deram lugar à entrevista semiestruturada, conforme descrito na metodologia, partindo de questionamentos básicos, apoiados em hipóteses interessantes à pesquisa, mas sempre permitindo que o campo pudesse ser ampliado a depender das respostas.

Conclusão

Exclusão e pertencimento são determinados por uma distribuição desigual de direitos em virtude das localizações dos indivíduos no interior de relações de poder através da história. Essas relações determinam quem tem o direito de ocupar a cidade, que segue pautando toda e qualquer compreensão sobre o migrante pela universalização das relações entre as pessoas e territórios, ignorando as diferentes formas de mobilidade, sua contextualização e contradições. Todas as memórias migrantes compartilhadas durante este projeto reafirmam a importância de uma cidade mais diversa, em que migrantes não sejam segregados para cinturões de marginalização.

A falta de acesso e reconhecimento de memória nas cidades, e em específico na cidade de Goiânia, lugares em que migrantes possam compartilhar suas experiências favorece situações de conflito. Conseqüentemente, a falta de uma política pública que entenda este conflito como uma potencial ferramenta de integração implica na desvalorização da vivência dos migrantes e em diversos tipos de segregação.

Suas memórias ajudaram a repensar o conhecimento dominante sobre os sujeitos que migraram e suas trajetórias, assim como sobre as compreensões e práticas em relação ao pertencimento em vários contextos, incluindo o próprio território da cidade. A centralização da narrativa como forma de criar uma contra-memória se contrapõe ao estabelecido hoje na cidade de Goiânia, pois a falta desse “lugar da memória” materializado na cidade e do exercício de fazer memória na recepção e inclusão das migrações contemporâneas prejudica as relações entre as trajetórias de quem migra e os processos sociais que os integram.

Como resultado, Goiânia tem suas dificuldades ampliadas no acolhimento de migrantes na cidade. As reflexões críticas traçadas em torno do diálogo entre memória e migração nesta pesquisa ajudaram a promover reconsiderações de equívocos em diversos conceitos relacionados com o tema e ao perfil desse migrante pela população local. A dicotomia exclusão versus pertencimento reforçada nos relatos das situações cotidianas interferem no sentimento de

pertencimento na cidade, pois estar incluído nas dinâmicas em virtude de um pertencimento de direito, não de fato, não é suficiente.

Uma rede duradoura de relações de conhecimento e reconhecimento mútuo começa com a ocupação migrante dos espaços políticos de Goiânia, com o acesso a direitos que segundo as narrativas têm sido negados, com a integração com as comunidades de vizinhança locais e a não expulsão para espaços sociais e territorialmente marginalizados, permitindo que sejam protagonistas na produção de suas vidas. Os relatos nos mostram que a coletividade segue pautada por critérios como a nacionalidade evidenciando exclusões. Os processos de expulsão ou mesmo de autossegregação, visto que muitos desistem de fazer parte quando não encontram lugar de acolhimento, estão presentes na estrutura pela qual a cidade se organiza.

Construir esse espaço de disputa pelas narrativas das memórias em Goiânia no contexto dessa pesquisa é uma pequena contribuição para a autonomia de migrantes visto o crescimento do fluxo migratório na cidade, reivindicando sua presença nos mais diversos territórios, não como hóspedes, mas ocupando os espaços como forma de apropriação tanto do lugar de valor simbólico como do pertencimento de fato.

Referências bibliográficas

- Brettell, C. & Hollifield, J. (2000). *Migration theory: talking across disciplines*. Routledge.
- Creet, J. (2011). Introduction: The Migration of Memory and Memories of Migration. In Creet, J.; Kitzman, A. *Memory and Migration: Multidisciplinary Approaches to Memory Studies*. Toronto University Press, p. 3-26.
- Dias, G. (2019). Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. [online]*. Vol.27, n.57.
- Durand, J; Massey D. S. (2003) Los enfoques teóricos: una síntesis. In: Durand, J.; Massey D. S. *Clandestinos. Migración México-Estados Unidos en los albores del siglo XXI*. México-Miguel Angel Porrúa-UAZ, pp. 11-44.
- Halbwachs, M. (2013). *A memória coletiva*. Centauro.
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes.
- Instituto Mauro Borges (2014) *Panorama da Migração em Goiás*. Secretaria de Estado, Gestão e Planejamento.
- Le Goff, J. (1994). *História e memória*. (B. Leitão, Trans), Editora da Unicamp.

- Marroni, M. G. (2017). "Dar voz al Otro"? Los métodos biográficos y las narrativas de los migrantes: un debate ejemplar en ciencias sociales. *Tla-Melau, Revista de Ciencias Sociales*. Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México / issn: 1870-6916 / Nueva Época, año 10, núm. 41, pp. 202-221.
- Meneses, U. B. de. (1992) A História, cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº 34, pp. 9-24.
- Moscovici, S. (2001). *Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história*. In: *JODELET, D. As representações sociais*. UERJ.
- Ortega, E. (2017). Los trabajadores migrantes irregulares y sus derechos sociales en el Reino Unido. *Revista Latinoamericana de Derecho Social*, (25), pp. 71-108.
- Pollak, M. (1989). *Memoria, Esquecimento, Silencio*. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3. 1989. P. 3-15.
- Sassen, S. (2016). *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Souza, J. (2015). *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. LeYa.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução. Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Rojas Silva, B. (2019, setembro). Seminário Virtual Memórias Migrantes. [Arquivo de Vídeo]. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Recuperado de <https://www.clacso.org/memorias-migrantes/>.
- Vieira, R. O governo da mobilidade haitiana. *Mana*, v. 23, n. 1, p. 229-254, 2017.